

*Lucas Cassule & Diego*



# *A mukila de ngoji*



**#ésobrenós**  
**EDITORA**

# *A mukila de Ngoji*

LUCAS CASSULE & DIEGO

©Lucas Cassule e Diego, 2023

**Título:** A mukila de ngoji

**Autores:** Lucas Cassule e Diego

**Contactos para palestra, seminário e workshop**

E-mail: geral@esobreler.ao

Instagram: @esobrenoseditora\_oficial

**Edição e paginação**

Lucas Cassule

**Design de capa**

Lucas Cassule

**Execução Gráfica**

É Sobre Nós Editora

**Revisão**

Alzira Simões

**Marketing e publicidade**

Alusapo | Julieta Nguenda

**Conselho Editorial**

Dito Benedito | Alzira Simões

ISBN: 978-989-9133-13-6

Edição Digital: Maio de 2023

---

É SOBRE NÓS EDITORA

Rua Fernão M. Pinto, 57, Alvalade | Luanda – Angola

É expressamente proibida a reprodução deste opúsculo, no todo ou em parte, seja por quaisquer meios sem autorização por escrito dos autores e da editora.

*Aos angolanos, todos os dias contam histórias novas!*

*Não tenhamos pressa, mas não percamos tempo.*

José Saramago

## LUCAS CASSULE

Nasceu no Bengo, a 6 de Julho de 1986, licenciado em Engenharia Informática. Trabalhou como profissional de TI por mais de 9 anos, tendo se especializado em virtualização de servidores. É escritor, editor, professor e locutor de rádio. Autor dos livros: A vila assombrada pelos makixi I e II; Afroerotismo em contos; Mil correspondências – o lado negro da saudade e co-autor dos livros Karingana - 2 povos, 2 contos; Pelo Poder Popular; Colectânea de Poesia Lusófona Mundos (livro 21) e da Colectânea de contos GELELA (e-book). Tem ainda diversos contos publicados no Jornal Angolano de Artes e Letras, no portal da literatura angolana “ésobreler”, no portal brasileiro Crônicas Cariocas e no seu blog. O autor escreve em prosa, poesia, crônicas e pensamentos.

Em 2022 foi homenageado pela AfriCAN EARTHizens Honoree, na conferência de Génesis, Firemont, em Johannesburg, pelo seu contributo à literatura angolana e ao resgate e promoção do valor cultural africano.

Saiba mais: <https://www.esobreler.ao/escritor/perfil/5>



## DIEGO

Elias Joaquim, mais conhecido por Diego, seu nome de autor, é angolano de 22 anos, actualmente residente em Portugal, na cidade de Aveiro, a formar-se em Gestão Comercial. Numa relação à parte, é metade escritor metade jornalista. Como escritor, iniciou-se nas letras por volta de 2019, com a criação de um blog que passou a funcionar como uma espécie de editora de e-books por onde seus trabalhos e de outros autores foram saindo. Tem publicado um livro em Luanda, A Morte do Ex-presidente, e variados e-books agrupados em Novelas e contos. Rua da Liberdade, Maria-Teresa, 28 de Maio são alguns dos exemplos mais conhecidos. Suas principais referências literárias não fogem do panorama lusófono, sendo a ficção angolana, a poesia portuguesa e o manuseio da língua por parte de grandes escritores brasileiros o seu grande triunfo.

Saiba mais: <https://www.esobreler.ao/escritor/perfil/31>



## PREFÁCIO

É com muito prazer que escrevo o prefácio desta obra dos autores angolanos Lucas Cassule e Diego. Tratou-se de um convite que me deixou agradecida, honrada e levemente insegura.

O papel de um prefaciador é bastante importante, ele é a pessoa que apresenta um texto (seja um conto, ou uma obra) ao leitor, por isso é realmente imprescindível que seja alguém com alguma experiência no ramo literário, no entanto assumo ser esta a primeira vez que escrevo um prefácio de um conto e, por esse motivo, agradeço, desde já aos autores pela confiança.

A Mukila de Ngoji trata-se de um conto protagonizado por Ngoji, um “elefantinho” jovem, que se dá a conhecer pelo rapaz humano Kayeki.

No entanto, no local onde o jovem nasceu, não é um bom presságio ver esse animal de tromba grande.

Para o restante público lusófono (sendo eu portuguesa, posso corroborar), o título pode notar-se ser de difícil entendimento inicialmente, contudo rapidamente percebe-se o significado destas duas palavras. Mukila trata-se de cauda e Ngoji é corda.

Sente-se uma empatia pelo animal desde o primeiro momento, algo que nos coloca a recordar o personagem da Disney, Dumbo, e, mesmo com o que ocorre nas páginas seguintes, não conseguimos não sentir um carinho pelo protagonista. Ele tem um olhar doce para com o jovem e isso também chega ao leitor, atravessando as páginas e chegando ao íntimo das pessoas.

Os autores escrevem de forma limpa, entendida pelo público lusófono, mesmo usando palavras na linguagem kimbundu no título, revelando que a língua portuguesa tem esta



maravilha de se dar a entender entre os povos que conhecem o idioma.

Esta escrita agradável e o protagonista empático faz com que mergulhemos neste conto do princípio ao fim. Acima de tudo, o amor pelos animais é o que se encontra presente aqui.

Sem mais, fica o convite de embarcarmos de cabeça neste mundo do elefantinho e dos maus presságios, numa terra governada pelos mais velhos que entendem sobre a vida.

Diana Pinto  
Escritora, resenhista e revisora  
Lisboa, 14 de Abril de 2023.



SEGUEM EM FILEIRAS, um atrás do outro. Fazem pequenas paragens, estendem as longas trombas nos arbustos verdes que vão aparecendo pelo caminho. Todos provam daquele manjar. Primeiro o líder, depois a elefanta se ajeita e dá passagem às crianças, observa-os enquanto se lambuzam com ervas e “relincham”, até ouvirem o sinal do velhote que avança já alguns passos e a fileira volta a reorganizar-se. Ali, diante do velhote que é significativamente o mais robusto, segue mais um adulto, também macho.

O sol da manhã vai sobreaquecendo a terra, assando o barro avermelhado onde vão enterrando as imensas patas. O urro do vento agita as chanas enquanto aquela família avança vagorosamente. Lá no fundo, um imenso morro de bananal cresce aos olhos deles. O último filho berra e interrompe a marcha. A mãe já o tinha ultrapassado um pouco, mas voltou-se para perceber os seus desejos. O pequeno afasta-se um bocado do rasto e levanta um dos pés, a mãe encosta-lhe a tromba e fica a observá-lo enquanto se aliviava da urina que rega as folhas secas adormecidas no chão. Já os três outros tinham avançado muito, mas pararam no fundo. O líder, atento, estendia as órbitas para todos os ângulos, vigiando o conjunto, soltando pequenos brados. O outro pequenino puxa, com a curtíssima e delgada tromba, as folhas mais verdes que conseguia alcançar e mastiga, sempre com a cauda dançante entre as pernas.

São os costumes que herdou da outra aldeia: escolhe pelas mais verdes, abana a mukila quando o primeiro sol se vê, demora-se mais do que os outros, um desleixo que só lhe fica bem das trombas à pequena pata que faz pegadas. Enquanto aí deixava-se estar, numa cegueira sua e intransmissível, deixava de haver, de um segundo ao outro, o urro dos pequenos ventos que agitavam as chanas, seguido de pequenos tremores, e estava só sem se aperceber do como ocorrera. Não havia o

líder num horizonte, não havia um rosar, nem a mãe nem um puxar de folhas. Havia Mukala lá ao fundo, mas não teria como saber, o medo apaga o cheiro, e no escuro inventam-se fugas e inventam-se outros destinos.

É sábado de manhã. Naquela hora, parte dos habitantes já tinha seguido para as suas lavras. Kayeki estava na varanda da sua casa, olhava para a baixa íngreme que cercava a aldeia. A mãe e o pai estavam no interior da residência, em poucos minutos desceriam aquele lugar até à fazenda, que fica a poucos quilómetros. Outros meninos corriam de um lado para o outro ali no lado do campo, os miúdos gritos alcançavam os ouvidos dele, mas não foi isso que chamou a sua atenção. Ali, no capinzal, ouviu um agudo farfalhar, como se um tronco se tivesse estatelado no chão. O menino sentiu um pouco de arrepio, recuou até ver os outros que brincavam no campo e a porta da sua casa escancarada. O coração ribombava em ritmos acelerados. O que é aquilo? Sabia, ali onde se fez a queda, não havia uma única árvore que provocaria tal ruído. Mas, não foi para perto dos pais, voltou ao mesmo lugar e aproximou-se mais das lianas. É um elefantezinho! Reagiu espantado. Mas não disse palavra. Como se tivesse sido possuído, o medo desvanecera de súbito, só uma curiosidade intensa e admiração lhe assombrava os instintos. Nunca tinha visto um elefante de carne e osso, só conhecia dos desenhos e do que ouviu falar dos mais-velhos. Avançou devagarinho até ao bicho que tinha quase o dobro da sua altura.

As casas, são na sua maioria, de pau-a-pique. Algumas poucas foram construídas só de capim. Mukala foi erguida no cimo de uma terra firme e bastante avermelhada. Os cultivos são feitos nos abaixamentos dos quatro cantos. Há dois riachos ali nas proximidades, um a norte, outro a sul, que servem para alimentar as pessoas e as plantações em tempo de seca.

Kayeki ficou mais espantado ainda ao ver que o animal não fugia dele, muito pelo contrário, quanto mais se aproximava, mais o elefante agitava a sua delgada cauda, como se tivesse avistado um amigo ou alguém de sua espécie. Depois, o menino ficou mesmo muito perto, poderia tocá-lo se esten-

desse as finas mãos, mas hesitou, voltou a olhar para trás, não havia ninguém. Estendeu os olhos ao resto do mato a ver se avistava a manada, estavam só os dois. O elefante bramiu baixinho e levantou a tromba. Kayeki reparou nas feições dele e ficou maravilhado com a expressão doce nos olhos, com a cor de lodo em toda a extensão da pele e com a mancha invulgar na metade da cauda. Ficou muito tempo com os olhos presos à mukila, tentando perceber se a superfície negra numa das extremidades, era queimadura ou se tinha o bicho nascido com uma estampa. Depois avançou mais um passo e estendeu finalmente as mãos, tocando o corpo do animal, na barriga e o acariciando um pouco nas costas. O elefante arrastou a tromba e atravessou-a no ombro do menino. Kayeki sentiu um frio na barriga, mas não recuou, sorriu e deixou-se acalantar pelo selvagem.

Mas há um homem que vem do fundo, tem os braços finos e sua a testa inteira. Nas costas, uma maleta qualquer em semi-couro-velho com coisas lá dentro: paus, mantimentos, arames, mau cheiro, desgaste e sua esperança em pedaços que só ele vê. Pesa um bocado, hoje curiosamente pesa-lhe um pouco mais que ontem, anda com a perna remendada em três tempos, por conta da época em que se usava da caça local como biscate para a renda-extra. Um tropeço que o deixou coxo duas vezes. Já nem liga, nem se recorda, nem dá pelo tempo que perde ao se abraçar de involuntário tom à lentidão que consigo mora. É viver como se pode, diz ele. E vai andando e comendo jinguba crua com restos de um pão já velho, sujando a sola com o vermelho do barro, ouvindo silêncios até que perde consciência do peso que transporta. Ficou-lhe o abocanhar a meio, forçou-se a duvidar do olho que vê e da alma a retorquir um sim. Era uma verdade, para si, vestida de meias, era uma mukila para seu vislumbre em total clareza. Parou, entretanto. Ficava ali a olhar o dia inteiro se não fosse a vergonha a dizer-lhe basta. Com vergonha queremos dizer Kayeki espreguiçado na ingenuidade que a ele diz respeito, ainda a merece em todo o caso.

Acariciando a tromba do elefante enquanto o homem tre-

me, sorrindo do rosnar enquanto o homem sangra, sozinho numa linguagem ímpar, enquanto mais e mais gente se aproxima por sinal, era o resto da aldeia que se alarmou pela glória do boca-boca. Misturavam-se, nesta altura, espanto e deslumbramento, curiosidade e temor, arrepios e bondade, protestos, vozes daqui e de acolá, mais kayekis numa chuva de ingenuidade pura, mais o homem com esperança partida e por isso medo do que se desconhece, ou do que bem se conhece se Kilamba abrir a voz. Há sempre o outro lado para qualquer história que se conte. Desta, contam-se que houveram duas ou três... mas o que faz o elefantezito aqui sozinho no meio de Mukala?

Anda perdido. Eram cinco de início, guiados por um enrugado, de pança a descair-se nas feições, um olhar mórbido e sapiente que quase não se vê quando se abre, uma mãe calejada na traseira próxima, um terceiro, e dois pequenotes. Vinham de dez dias de procura ao desconhecido, de sol e chuva, de ventos e noites. O líder, apesar dos passos contidos, não deslocava o olhar da traseira fosse qual fosse o horizonte que se avistava. A mãe idem. Sempre que a mira rugosa chegava até si, tomava consciência de que tinha de dar meia-volta, zelar pelos pequenotes, aguardar que urinassem, que inventassem esfomeadas voltas nas pontas do rio, no capim ao lado, nas raízes das árvores, até que rumassem à marcha outra vez e um ouvisse o silêncio do outro. Tão maçante e custoso costuma ser o tempo com os seus hábitos que se repetem e ninguém lhes toca, tal e qual foi: hábito que virou costume cego, às tantas desvairou-se por tanto ver.

Era o dia que bem conhecem, aquele cuja fileira se manteve intacta, cujo primeiro sol sobreaquecia o barro, aquele com bananal, com chanas agitadas... e sumiu. Nem vislumbre sapiente, nem traseira em prontidão, nem figurantes mudos. Ninguém deu por nada quando Mukala se fez conhecer aí imponente com imensos pau-a-piques. O que fazer? Pergunta o ex-caçador quando já mais pessoas chamam por mais pessoas que vêm das lavras.

Kayeki, entretanto, tem companhia. Mais miúdos da aldeia, vindos do cimo onde fabricavam casotas de lodo, onde o

primo mais velho já tinha outro pombo na mira para lhe acertar com a fisga... Há lá coisa melhor para se brincar do que com as coisas mais sérias? Era um elefante! Claro que todos largaram os expedientes a meio. Era um sonho, era um vento para virá-lo de cabeça, era céu e cor, e só quem sabe pouco, sabia tudo. As crianças.

Depois, já aquele tumulto incomodava o pequeno elefante que tentava sem sucesso fugir do meio das crianças. Os meninos prenderam-no as pernas e as mãos, havia mesmo quem puxasse pela tromba. Kayeki notou a aflição do animal e tentou persuadir os outros a se afastarem. Não o puxem, deixem-no em paz! Não, respondiam, será o nosso elefante de estimação, assim disse outro menino, já quase a fugir da adolescência.

O velho caçador também tentou mais do que um simples esgar, gritou mesmo com a sua voz rouca: saiam daí, malandros!, mas os meninos sequer ouviram-no. Tal era o troar das vozes ordinárias. Só que aquela disputa não demorou muito tempo. Às tantas, já outros mais-velhos se tinham apercebido do ocorrido e, ao contrário dos meninos, os kotas sabiam muito bem os perigos que um elefante traz à comunidade. Foi pai de Kayeki, que surgiu aos brados e fez dispersar os mais teimosos. O velho era muito respeitado por ser o Kilamba da aldeia, traduzia para os demais os vários sinais que recebia da natureza e das divindades e, para ele, a presença de um filhote de elefante ali na aldeia, naquela hora, significava uma futura tragédia. O Animal voltou a enfiar-se na selva, foi descaindo mato abaixo, mas sem pressa.

— Sai agora mesmo daí! É assim que te eduquei? — berrou o velho.

Kayeki tentou justificar-se, explicando que estava a acudir o animal das mãos dos amigos, sedentas por sangue, mas o pai mandou-lhe fechar o bico e seguir imediatamente para dentro. Ali acima, dois mais-velhos também xingavam o resto dos meninos.

Dentro da residência, Kayeki encostou-se à porta e ficou a assistir o elefante que se ia tornando mais pequeno no abai-

xamento. A mukila delgada sempre abanando de um lado para outro. O menino prendeu a atenção à cauda e debruçou-se em como ela se parecia com uma corda. Ngoji, sussurrou logo depois, vou chamá-lo Ngoji. E riu no canto dos lábios. Mas, depois, assustou-se com a voz aguda da mãe.

— O que é que fizeste desta vez, Kayeki?

— Nada, minha boa mãe.

— Nada? Achas que o teu pai está mesmo só a gritar à toa lá fora?

— É um elefantinho, mãe!

— O que fez o elefante?

— Estava mesmo aí por trás da nossa casa.

A velha deu um grito, com o tempo aprendera a linguagem do esposo. A ser verdade, é um mau sinal. Encostou-se à janela e vislumbrou no fundo o elefantinho esconder-se numa gruta e desaparecer por completo. Afastou-se da janela e dirigiu-se ao exterior onde já estavam outros makota junto do marido.

Ao fim da tarde, os meninos todos envolvidos naquela saga da brincadeira com o elefante, receberam um castigo exemplar. Capinariam trinta dias a tonga da comunidade. Ordens dadas pelo soba, nem Kayeki fora ilibado pelo facto de ser o filho do segundo homem mais importante da aldeia.

Cochichos, vozes pequenas, resmungões, o comer lento, o sono que lhes custa a vir, uma cubata para cada criança, mas em todas o semblante único e singular, como capinar tanta terra com tanto sol que tanto faz nesta Mukala que nos calhou em sorte? O peso da enxada, quase que se sentia já no leve levantar dos garfos ou no preparar do luando para a sesta de todos os dias. Sortudos os que já eram órfãos de pai, o grito na cubata estremecia menos, os trinta dias viravam dez ou dose em rápido círculo por pena da mãe. Típico. Era só chorar-se um bocado pela dor nas costas, pelo sol a derreter a testa, o braço e o calo nas mãos, a mãezita de cada dia fazia logo um agrado de pirão ou de soja cozida, umas férias da tonga daqui da zona, um fingido esquecimento e ficava tudo bem.



Quem tinha o pai vivo ainda é que estava tramado. Kayeki, por exemplo, era um deles. Foi o que menos tocou no animal, coitado, porém, era a personagem principal para seu pai entre os outros. Não foi assim que te eduquei, repetia às tantas no dialecto.

Senhor de muitos princípios e bons costumes, eterno fiel às tradições e ao bairro que o pariu, que vergonha grotesca agora o primogénito ser partícipe duma arruaça que segundo consta dos ancestrais, há de principiar o final de seja do que for. Os ralhetes naquele dia tardaram a cessar. E mesmo a mãe, que de início berrava por conviência ao esposo, ficara com alguma pena ao ver de longe o filho no luando desnudo a contemplar o nada e o assim, como se diz. Cogitou fragilizar-se e ter com ele para que a noite não lhe pesasse tanto. Não o fez em todo caso. Foi como na linguagem dos mamutes ao subir a montanha, bastou um olhar que pouco abre do macho da cubata para que a mulher se fizesse à cama e a noite começasse.

Kayeki agora de pé, ao pé da janela. Acordado enquanto Mukala dorme. Foi pensando nas palavras do pai. Como podem os animais, tão brancos e puros e sem pecados, afectar-nos a nós e a nossa aldeia? Não fazia sentido nem que lhe explicassem por quinhentas vezes. Que mal pode haver em Ngoji? Para quê afugentá-lo? E quanto mais se foi questionando, mais dia se fazia, mais silêncios, mais frio parecido ao do Luena, mais insatisfeito ficava o pobre rapaz. Depois, inventou um pequeno sono e nele dormiu.

Só que do sono não nascera a paz como se faz supor, nasceu a kanvuanza na aldeia. Dois barulhos, dois passos e duas pegadas e meia. Dois rosnares. Como duas vezes coxo numa cajadada só. Era o macho, líder daquela família de elefantes encontrando Mukala. Também Kayeki foi sonhando com isso enquanto o real se mantinha real como real que é. A mãe, na traseira com disposição e performance de leoa brava... um bramido ainda maior e de mais tremor. O pequeno Ngoji mudo e murcho, num canto como se ouvisse fado, como se quisesse levantar as mãos e pôr-se à frente a gritar na língua dos humanos “não, não façamos isso”. Contentou-se, portanto, em ser

filho e de autoridade diminuta. Os pais e o outro avançaram, dirigiam-se mesmo em direcção a casa de Kayeki, como se o elefantito, em mímicas, lhes tivesse indicado o lugar.

Sem piedade, sem fado ou kilapanga, sem a pretensão de uma linguagem humana, sem entendimento dos que vivem e esbanjam, sem reticências, sem meias-voltas: já não era dócil o olhar e lento o passo como bem parece, eram as árvores arrancadas da terra numa rapidez surreal, já se ouviam estrondos das raízes a soltarem-se da firme terra e vermelha, hostilidades e olhares cruéis, pegadas nos rios adormecidos de modos a que também esses sangrassem, sem misericórdias ou passividades às colheitas de longos tempos e longas paciências, destruindo e comendo no impulso da raiva, destruindo e refazendo como se a tomassem por sua. Mukala, era ali, a terra do nzamba. Era a terra do medo e da angústia.

A casota de Kayeki foi a primeiríssima a levar com um violento embate, três seguidos na verdade, e já no terceiro, toda a família no interior se tinha levantado. Ficaram todos na sala. O que foi aquilo? A esposa perguntou. O Kilamba tinha a certeza, e Kayeki também chegou à mesma conclusão quando o velho o fitou com um olhar fulminante. Era nzamba, ninguém precisou dizer mais palavras, só ficaram ali calados a ouvir o silêncio enquanto pensavam no que fazer. Depois, um gigantesco brado ecoou e outro embate atingiu as fundações. O tremor fez agitar os homens.

— Eu sabia que isso não podia correr bem! — Disse o velho, mas em voz muito fraca e trémula.

O elefante mais robusto correu agora na próxima casa, foi só preciso o primeiro remate para ver o casebre tombar com as poucas famílias que estavam lá dentro aos gritos, feridos. Mas não se deu por satisfeito, atravessou raivoso por entre os gritos, um menino tinha sido esmagado na hora. Já o tumulto se tinha espalhado por Mukala inteira, e já os elefantes adultos tinham distribuído as funções. Cada um deles precipitava-se sobre uma árvore, uma pessoa, um casebre, um jango ou qualquer coisa que encontrassem pelo caminho, como se fossem animais endiabrados. O céu de Mukala, que sempre fora sor-

ridente, vestira-se de sangue. O soba não sabia o que fazer, emanava as ordens lá de cima, na sua residência, também com medo de que os estragos ali chegassem.

— Tudo por causa de brincadeiras parvas de crianças! Nunca Mukala fora invadida por um animal qualquer desde a sua fundação!

O velho Soba falava por cima dos bramidos assombrosos dos elefantes. E os gritos das pessoas afectadas atingia-o como uma lâmina. Como líder, sentia-se fragilizado por nunca ter pensado em se preparar para um evento como este. Andava às voltas e sabia, será lembrado como um soba demasiado fraco. Isso não o agradava. Doravante perguntava, quantas vidas? Quem morreu? Quantas casas foram destruídas? E outro velho ao lado que recebia os presumíveis relatórios de um caçador repetia os números.

A última vez que o maior elefante voltou a bombardear a casa de Kayeki foi de vez, nem ele nem a mãe viram como toda a estrutura de pau-a-pique, dividida em três quartos e uma sala, cedera à incursão. Tinham já se retirado de kaxexe, excepto Kilamba que decidiu ficar para proteger a residência que construiu a custo. Partiram também muitos moradores, quando ouviram os apelos que vinham das pessoas que moravam no pico da montanha, onde os elefantes não podiam galgar facilmente. Mas, os caçadores foram buscar as suas flechas e catanas, queriam repostar, foi preciso o soba intervir: se vocês atacarem pelo menos um, amanhã de manhã não teremos um único vestígio dessas residências, para não falar das pessoas. Naquela hora, já por volta das duas da madrugada, tinham sido contabilizadas seis mortes.

Ali escondido, na gruta, Kayeki voltou a pensar nessa monstruosa incursão dos elefantes, por instantes sentiu-se culpado de tudo. Se ao menos deixasse o elefantito em paz logo à primeira instância, certamente estaria acomodado na cama naquela hora, ele e os demais. Pensou agora em Jojô, o menino que morreu na primeira casa, era seu amigo, brincava com ele todos os santos dias, mas agora sabe que nunca mais o faria, nunca mais caçaria passarinhos na companhia dele,

já não podia contar com ele nas partidas de bola de trapo. Nem a mãe, nem o resto das pessoas ali perto notaram, todos estavam apreensivos na gruta onde estavam escondidos, Kayeki chorava, tentava ser forte, mas as lágrimas teimavam em desprender-se dos olhos. Estava sentado, escondeu a cabeça entre os joelhos para não ser descoberto. Porém, ainda que fosse descoberto, era o único que chorava? Não, a mãe de Jojô também ali estava e por mais que a tentassem persuadir, não conseguia chorar com a voz baixa. O resto das pessoas resmungava, agora é que vamos morrer todos com esse barulho, mas quem pode segurar o pranto de uma mãe que acabou de perder o filho, cujo corpo ainda se encontra quente ali esmagado no barro vermelho de Mukala?

Não demorou muito até receberem outra má notícia, a sétima vítima deixou ainda as pessoas mais destroçadas, especialmente Kayeki e sua mãe. O velho Kilamba não resistiu ao embate. A queda do casebre também fora a queda do homem. O comunicado foi feito igualmente por um caçador, mas naquela hora já os violentos urros que ecoavam no céu de Mukala tinham cessado. Tinham os elefantes ido embora? O caçador disse que não, estão nas proximidades a verificar se ouviam movimentos ou o vozear dos humanos. Tentaram até escalar a montanha, um deles tentou, o maior e mais malandro, mas não conseguiu. O caçador falava e respirava ofegante, tinha nas mãos uma caçadeira, era o único que portava uma na comunidade, mas sentiu-se frustrado quando o soba lhe proibiu de a usar. Queria sair em vingança e matar cada um daqueles “mamutes” assassinos.

Um assobio de pássaro, uma brisa de tempo seco, uma praça cheia de gente e mantimentos. Aquele caçador não matara elefante nenhum nem andavam nas proximidades os mesmos. Havia uma outra Mukala depois daquela ter sido pisada e esmagada a alma e o hino da aldeia. A morte de Jojô, a morte de Kilamba, a morte dumas quantas pessoas e de lares e paisagens, de macieiras e de cultivos, de sombras e de terra firme. Passaram-se vinte anos e o esquecimento só finge que paira. Uma recente cicatriz, não invalida a memória da dor nem o

sangue que se perpetua apesar do branco que teimamos pintar. Mukala vive como vivia o caçador da altura: como se pode e coxo que esquece que coxeia, de maleta semi-aberta, cheia, por um lado, de mantimentos e arames pro progresso, mas por outro, cheia dum desgaste e duma esperança moribunda que só ela mesma vê. Quem é o homem ali ao fundo agachado?

Parece que conta as flores, parece que vê o cimo da aldeia com olhos de quem viu e pouco gostou: é Kayeki, sim, um homem feito com barbas e tudo, com pelos nos braços e camisa regata. Levanta-se do agachado em que estava e melhor contempla a aldeia e contempla a brisa. Está na praça erguida há coisa de meses por conta das plantações que chovia e não chovia, a terra esmagada ao fundo da alma bebeu da maldição do pouco florescer e não houve batatas e milho durante longos e longos tempos. Agora chove de quando em vez, duas em Abril, duas a deixar Outubro e uma e meia em Novembro, que dan-tes era choro de Cristo custe o que custasse. Pois é, finalmente Kayeki é órfão de pai, é órfão de quase-mãe, pois a velhice vai roubando, quando pode, a lucidez da pobre senhora de poucos pecados. O soba anda nas últimas também. Fala coisas, depois outras, depois outras em cima das outras, depois berra, depois se senta e chora pelos filhos e pela gente que viu partir, depois pouco quer governar, depois dorme e Mukala está sem voz que a direcione ao acordar.

É uma manhã de quinta-feira. Kayeki acorda mais cedo do que a esposa, iria ver as armadilhas primeiro, passaria na lavra só mais tarde, juntar-se-ia à amada e aos dois filhos, de dois e sete anos. É agora o novo Kilamba e a sensação de ter presságios ainda o assusta. Será que um dia me vou acostumar com isso? Pergunta-se enquanto ajusta o calçado. Aquela noite o sentimento era mais forte, hoje vai ser de certeza, sinto-o perto, sussurra. Tem o pressentimento, mas ainda não sabe o que é, não dá para saber. Avisaria o Soba? Não, vai alarmar as pessoas. Mas seja lá o que for, não é uma coisa boa, o meu coração pesa demais. Atravessa o quarto, entra agora no outro onde seu primogénito repousa. Verifica que está tudo bem, a criança continua enrolada entre os lençóis, deve estar a sonhar,

especula e sai. A mochila já está feita, bem ali na cadeira de madeira, a catana e o punhal também estão ao lado, recolhe-os e abre a porta. O ar que lhe recebe é ainda muito fresco, nem o galo tinha cantado, mas sempre preferiu aquelas horas, são muitos quilómetros de distância até chegar às zonas mais recônditas onde estão suas armadilhas. Depois, como uma vertigem, o Kilamba perde-se pelo mato.

Já não sabe o que veio caçar. Os outros ou a si mesmo? O mato é extenso e cumprido, é maior do que a compreensão dos homens, é cheio de silêncios e de mistérios, quando berra é num dialeto que escapa até aos Sobas. Dantes, colocava Kayeki o mato numa mão, e na outra, o mar. Depois o costume o cegou e o ludibriou. Achou mesmo que tinha Mukala inteira no pleno juízo e na rota comum da indiferença. Pobres dos homens quando julgam e subestimam os caminhos por onde passam de segunda a segunda. O caminho cresce, ganha força, raiva, e aos berros, autoproclama-se o senhor dos nossos destinos. Quanto menos luz vê, embora luz em demasia haja e assim se vai mantendo, mais desconfia que terá esquecido o terço em casa por cima de cómoda que nunca lá esteve. Mais procura por seus ancestrais, e de tal modo, recorda-se do quão afastado está duma fé que noutrora afastou o profano. Ausentou-se das rodas, das vigílias, das tardes de culto, do rio e das oferendas aos redentores. O que sobra quando o celeste some? Sobra isto que vemos, um homem perdido de si, porque a terra a si pertence e agora não a vê. Irrita-se, atira o machado ao chão, reza e chora, ergueu-se e prosseguiu, não há presságios nem itinerários. Há uma visão que o toma: numa canoa no rio Kanzenze, uma viagem à terra de seu pai encoberta por um céu cinzento numa noite tempestuosa. A canoa balança, Kayeki luta contra o vento e contra os pingos em rajadas, contra as escarpas, contra a corrente e o fundo de Kanzenze. A margem para trás fica, e para frente, pedaços de folhas que lhe roçam a cabeça num desespero. Quer encontrar respostas às perguntas que não fez. Quer que o passado e as pegadas de quem o fez, se traduzam em letras de prenúncio. As buscas o levaram para a solidão, o medo quase que lhe oferece a morte. O temporal aumenta, o naufrágio iminente, e quando já

a canoa ia a despenhar, Kayeki fechou os olhos e só ouvia o pequeno bramir parecido ao de um mamífero da sua infância, uma espécie de trombeta que o ressuscita do rio ao barro em vagarosos passos. Acordou. Está ainda deitado no chão do mato, perdido, e já é de noite.

O fragor do caudal do rio Kanzenze espalha-se mato adentro. Kilamba tem agora as vestes molhadas, mas estava ainda confuso, o resgate aconteceu como uma vertigem, como se tivesse sido içado por um tronco, não, uma imensa mão, uma tromba, isso foi uma tromba. O coração galopa agora mais leve, o homem levanta-se e se revista, não tem nem catana nem punhal de apoio. Olha nos quatro cantos, vê um monte movimentar-se margem abaixo, segue, em passos lentos. Eu sabia que era uma tromba, diz, mas não solta a voz, fica parado, fita o animal gigante que também se volta para ele. Mesmo no escuro enxerga o olhar doce do elefante, o acastanhado da pele brilha agora sobre a luz do luar, a fera balança a cauda, como se reconhecesse nele um velho amigo, Kayeki lembra-se desse detalhe, da dança da mukila e do olhar que convida, precipita-se sem medo em direcção ao animal, em passos comedidos.

Quando chegou mais perto, viu, era o que ele suspeitava e pode confirmar com a mancha negra na cauda. A cauda é ainda muito fina e delgada, como ele se lembrava. Não importa o quão robusto agora se tinha tornado, a mukila parecia mesmo uma corda.

— Ngoji! — Kayeki sussurra, o animal solta um leve bramido e estende-lhe a comprida tromba, pousando nos seus ombros.

Kilamba sorri, depois pensa no presságio que teve e no que lhe podia ter acontecido no caudal nervoso do rio. Que estupidez a minha, ter alterado a rotina do dia, onde é que eu estava com a cabeça para querer voltar naquele lugar tão distante? Indaga-se em pensamentos enquanto troca carícias com Ngoji. Depois lembra-se do que aconteceu há vinte anos e volta a sentir medo do animal.

— Adeus, amigo — diz muito baixo e se afasta.

Ngoji volta a atenção à descida da margem e avança, mas sem deixar de balançar a cauda. Kayeki sente-se mais do que agradecido e sabe que aquele encontro não será o último da sua vida. É um Kilamba, consegue ler os olhos do animal.

— Muito obrigado!

O Elefante pára, mas desta vez não olha para trás.

— Muito obrigado e até a próxima! — Kayeki desta vez grita.

O animal levanta a tromba e solta um bramido mais ruidoso, mas sem olhar para o Kilamba. Depois segue marcha abaixo. Kayeki voltou-se para cima, galgaria o monte de volta a casa, o percurso custaria toda a noite. O grito das rãs e cigarras aumenta por onde Ngoji atravessa, o homem ficou alguns minutos atento a isso e partiu de regresso logo depois, agradecendo ao elefante e aos ancestrais por terem-lhe poupado a vida.

Fim.

Lucas Cassule e Diego

Luanda, Lisboa, 9 de Abril de 2023





**#ésobrenós**

**EDITORIA**

De que vale um conto, um romance preso na sua gaveta?  
Publique com a É SOBRE NÓS!

É Sobre Nós, seu livro, nosso legado!

geral@esobreler.ao

[https://instagram.com/esobrenoseditora\\_oficial](https://instagram.com/esobrenoseditora_oficial)

+244 926 155 992 | +244 919 146 296